

SOBRE A IMPROVISAÇÃO NA DANÇA

PAULO JOSE BAETA PEREIRA

UNICAMP

Palavras-chave: dança improvisação indivíduo

Toda idéia boa e todo trabalho criativo brotam da imaginação, e têm sua origem naquilo que nos contentamos de chamar de fantasia infantil. Não somente o artista, mas qualquer indivíduo criativo deve tudo que possui de mais precioso na vida à fantasia. O princípio dinâmico da fantasia é “brincar”, que é característico na criança, e como tal parece inconsistente com o princípio do trabalho sério. Mas sem esse brincar com a fantasia nenhum trabalho criativo jamais pode nascer. A nossa dívida ao jogo da imaginação é incalculável. (Jung, 1991, #88)

Esta apresentação de Jung de valor incalculável do papel da imaginação em nossas vidas é precisamente o que chamo a atenção constantemente em minhas aulas de improvisação de dança. Tudo o que foi dito antes de tornar-nos vazios como uma etapa preparatória para a improvisação diz respeito a isso. O papel da imaginação no processo da improvisação ficará mais claro no capítulo sobre a imaginação ativa. Meu principal professor de Improvisação na dança, Rolf Gelewski, costumava dizer-nos para “dançar como crianças”. O que ele queria dizer com isso, na minha compreensão, é de fato o que Jung diz no texto acima. Ele chamava nossa atenção para tentar cada vez esquecer todas as informações assimiladas fisicamente, mentalmente, emocionalmente, e embarcar com um novo elã no movimento, e experimentá-lo e pesquisá-lo e deleitar-se nele com a curiosidade “científica” e prazerosa que uma criança normalmente tem no movimento.

De modo a dar ao leitor um ponto de referência concreto para as reflexões deste processo gostaria de apresentar neste capítulo alguns aspectos da Improvisação na Dança que encontro relevantes no meu trabalho. Antes de tudo gostaria de acentuar a importância do instante no processo de improvisar. O que é relevante não é o produto final, mas a experiência momentânea. E esta experiência implica a totalidade que somos. Momento e experiência se tornam um.

Mas falar de Improvisação na Dança pode levantar algumas questões: O que há de especial nisso? Qualquer um pode fazê-lo? Trata-se apenas de movimentarmos do jeito que queremos? É uma forma de Arte? É arte? Pode-se aprendê-la? Como?

Acho que muitas destas questões foram respondidas pelo material dos capítulos anteriores. O que falta é apresentar a estrutura de como trabalhar com ela ou em direção a ela.

Quanto mais dou aulas, menos planejadas elas se tornam. Isto é uma conseqüência lógica, se considerarmos o que falei anteriormente sobre a relevância do momento. Chegamos mais perto

da essência da improvisação. Evidentemente, os anos de experiência cumprem um papel importante, porque eles resultam em um tesouro de vida cada vez mais disponível. Em meu caso, isto compreende todas as minhas experiências com movimento até o presente momento, incluindo tanto o trabalho coreográfico como o pedagógico, a atuação como bailarino e como ator.

Mas, independente disso, a preparação das aulas constitui usualmente um processo meticuloso, imaginando e formulando uma grande gama de possibilidades de exploração do movimento, normalmente a partir ou em torno de um tema principal escolhido para o dia. Além disso, há os diferentes cursos, workshops e projetos dos quais participei movido por fascinação, curiosidade e também a necessidade de aprender e continuar progredindo profissionalmente. Com isso, quero chamar a atenção do leitor para a necessidade de expor-se processualmente ao assunto. Sobretudo nesta área de trabalho, o principal aprendizado acontece fazendo.

Aprendemos também a improvisar a vida? Bem...

Quanto à improvisação na dança trabalho, sobretudo em três dimensões. Uma é a exploração dos elementos do movimento, Espaço, Tempo e Energia. Outra é a focalização em nosso principal elemento de movimento: o Corpo. E a terceira é o trabalho com ou a partir da música.

Gostaria de fazer menção aqui a dois livros de Rolf Gelewsky: **Ver, Ouvir, Movimentar-se e Estruturas Sonoras 1**.

Ver, Ouvir, Movimentar-se apresenta dois métodos de improvisação na dança, descrevendo cada fase de cada um dos métodos passo a passo. Ambos os métodos se baseiam no uso de material musical. O primeiro parte da exploração gradativa dos movimentos do corpo, com uma complexidade crescente, apoiada na exploração da estrutura da peça musical, do seu aspecto mais simples até o mais elaborado. A análise musical proposta acontece, porém exclusivamente através do ouvir direto e concreto da peça musical, e não a partir de um conhecimento prévio da teoria musical convencional. O segundo método começa com uma improvisação completamente livre sobre uma peça musical, e se desenvolve para dentro de uma improvisação estruturada em conexão com aspectos estruturais tanto do movimento quanto da música com a qual se está trabalhando, para terminar novamente com uma outra improvisação completamente livre. Esta última improvisação livre acontece como o resultado da tomada de consciência por experimentação das estruturas pertinentes, de sua assimilação e, finalmente do desprender-se delas, de seu abandono. Resumindo temos três etapas:

- conscientização da estrutura da peça musical,
- assimilação da mesma por audição e movimentação do corpo,
- abnegação (abandono) de qualquer vinculação à estrutura.

Em seu livro **Ver, Ouvir, Movimentar-se** Rolf Gelewski nos apresenta dois modelos, dois métodos para a improvisação na dança. Na introdução, ele formula os dois objetivos que ele almeja.

O objetivo direto deste método consta de um preparo básico do aluno para o trabalho como dançarino e como coreógrafo, preparo realizado especial-mente pelo treinamento e desenvolvimento de sua sensibilidade, criatividade, inteligência e capacidade de reação e combinação, e ainda através de sua informação musical-cultural. O objetivo indireto situa-se mais na dimensão do humano, no sentido do crescimento e evolução do aluno como indivíduo: consiste na ligação dinâmica da consciência com regiões não-conscientes do ser e assim na unificação e intensificação dele. (GELEWSKI, 1973b. 16)

O primeiro método conduz à improvisação estruturada e pode ser considerado como um processo preparatório ao trabalho coreográfico. O segundo método leva então à improvisação livre. Apesar de uma confrontação do aluno consigo mesmo já acontecer no primeiro método, ela se intensifica e se torna mais evidente no segundo.

Acho importante acentuar, que na maioria dos casos, uma execução livre e ao mesmo tempo estável de uma dança inteira só se alcança depois de um trabalho intensivo e diversificado com muitas repetições das fases do método sobre músicas as mais diversas, o que pode estender-se pelo período de alguns anos.

E permanecerá sempre um processo, sem meta fixa e sem fim. Trata-se, antes de tudo de um pedaço do caminho, que conduz a nós mesmos, à totalidade de nosso ser, o qual temos que percorrer. Cada processo significa ora uma vivência intensa e assim um grande passo adiante, ora um desvio ou uma estagnação. Esta troca é parte necessária da dinâmica do que é vivo. A orientação deve ser clara; o processo dinâmico do seu desenvolvimento, porém, é sempre descontínuo e não retilíneo.

O segundo livro, **Estruturas Sonoras 1** foi desenvolvido em conexão com o primeiro. Ele compreende 25 gráficos para 25 peças musicais, cujas gravações fazem parte da publicação. Estes gráficos ilustram, visualizam a estrutura musical das peças, fornecendo um apoio visual para o processo de audição dos dois métodos mencionados acima.

Estou surpreso, que nestes trinta e cinco anos de trabalho pedagógico com a dança, em contato direto com músicos e especialistas da dança de várias partes do mundo, nunca me deparei com um trabalho semelhante. Ele é muito simples tanto em sua base como em sua estrutura. Reproduzo na aqui o gráfico número 18 do livro, que visualiza o *Minueto I e II* da *Partita Nr. 1* para piano de Johann Sebastian Bach, numa interpretação de Glenn Gould.¹

¹ Extraído do disco “Bach: The six partitas - Glenn Gould” da Columbia, M2L293.

Menciono aqui estes dois livros, porque o processo apresentado neles constitui a base do meu trabalho de improvisação em dança em relação com música. São publicações infelizmente esgotadas, e de um imenso valor pedagógico e de apoio no processo criativo em dança.

BIBLIOGRAFIA

GELEWSKI, Rolf. **Estruturas Sonoras 1**. Salvador. Nós Editora. 1973a

GELEWSKI, Rolf. **Ver, Ouvir, Movimentar-se**. Salvador. Nós Editora. 1973b

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes. 1991